



# RODA DE CONVERSA “AMAZONIZA-TE”



Foto: Mírdia Ninja / arte: Vilma Baldin

Se for possível um encontro presencial, preparar o ambiente com símbolos da Amazônia e seus povos, plantas, vela, Bíblia, documentos do Sínodo, respeitando o distanciamento social, uso de máscara e álcool em gel. Se a atividade for realizada de forma virtual, cada participante prepara o seu espaço utilizando os elementos acima.

## 1- Para início de conversa

**Animador(a) 1:** Durante um ano, uma série de organizações eclesiais e sociais se reuniram para sensibilizar a opinião pública brasileira e internacional sobre os perigos a que está sendo exposta a Vida na Amazônia, seu território e as populações.

**Animador(a) 2:** Para tanto, de forma urgente, organizaram ações que articularam lideranças dos povos indígenas e comunidades tradicionais, a Igreja na Amazônia, os diferentes organismos eclesiais, artistas e formadores de opinião em nível nacional e internacional e cientistas, potencializando denúncias sobre a gravidade da situação enfrentada pelos Povos na Amazônia, agravada pela pandemia da Covid-19, e consolidando propostas e reivindicações dos próprios povos e da terra.



**Animador(a) 1:** É assim nasceu a campanha “Amazoniza-te”. O neologismo ‘amazonizar’ foi usado pela primeira vez em 1986, em uma carta pastoral do então bispo da diocese de Rio Branco, no Acre, Dom Moacyr Grechi. Na ocasião, o bispo convocava o povo a assumir a causa da Amazônia e a defesa de seus povos. O verbo tem sido utilizado amplamente quando se pretende tratar da defesa da Amazônia. Durante o processo do Sínodo para a Amazônia a expressão “Amazonizar” também foi muito utilizada e popularizada.

**Animador(a) 2:** É esse o sentido que a campanha propôs, mais do que conjugar o verbo amazonizar, torná-lo uma expressão pessoal, um chamado para todas as pessoas a se amazonizarem. Uma convocação que não se encerra na campanha, mas que se estende para toda a nossa jornada de luta e defesa da “nossa casa comum”.

## 2- Acolhida fraterna

**Refrão:** Ê, Amazoniza-te, Amazoniza-te, Amazoniza! (bis)

### # Abertura

- Vem, ó Deus da vida, vem nos ajudar! (bis)  
Vem, não demores mais, vem nos libertar! (bis)  
- Venham, adoremos, a nosso Senhor, (bis)  
Ele é nossa alegria, Deus libertador! (bis)  
- Vejam como é boa a nossa união! (bis)  
Vejam como é bonito, ó irmãs e irmãos! (bis)  
- Quando as mãos se juntam multiplica o pão, (bis)  
Vem, ó Deus, abençoa nosso mutirão. (bis)  
- Glória ao Pai, e ao Filho e ao Santo Espírito. (bis)  
Glória à Trindade Santa, glória ao Deus bendito! (bis)  
- Aleluia, irmãs, aleluia, irmãos! (bis)  
A Deus louvor e glória, povo em mutirão! (bis)

### # Recordação da vida

**Animador(a) 1:** A Amazônia e seus povos são continuamente alvo de práticas de exploração sem limites que colocam em risco toda a vida daquele território. Com a pandemia do novo coronavírus torna-se ainda mais alarmante a situação, uma vez que desmatamentos, queimadas, mineração, grilagem e garimpo, por exemplo, não dão trégua; pelo contrário, parecem ampliar as ações destruidoras, uma vez que o olhar se desloca para demandas contrárias às necessidades urgentes dos povos, que são o cuidado do ambiente e a defesa da vida.

**Animador(a) 2:** Nesse sentido, são urgentes as ações de solidariedade para garantir a existência dos povos originários e das comunidades tradicionais em seus territórios e nas cidades da Amazônia, no contexto da pandemia e dos graves ataques à Amazônia. Várias iniciativas importantes neste sentido já vêm sendo tomadas pelas lideranças dos povos indígenas e comunidades tradicionais, com uma série de ações sendo desenvolvidas pela Igreja, organizações populares e movimentos sociais.

**Animador(a) 1:** Quais as iniciativas de cuidado para com a Amazônia e seus povos podemos trazer à memória e que são para nós sinais de esperança?

(A cada duas pessoas que falarem pode-se cantar o refrão: "Viva a esperança, viva a esperança".)

### 3- Vamos saber mais?

**Animador(a) 2:** "A convocatória 'amazonizar' implica em reconhecer as lutas e resistências dos Povos da Amazônia que enfrentam mais de 500 anos de colonização e de projetos desenvolvimentistas pautados na exploração desmedida e na destruição da floresta e dos recursos naturais, sob risco de colocar em extinção milhares de espécies que nem mesmo foram devidamente conhecidas".

**Animador(a) 1:** "A convocatória 'amazonizar' é o despertar de todo o povo em defesa da Amazônia, seu bioma e seus povos ameaçados em seus territórios, injustiçados, expulsos de suas terras, torturados e assassinados nos conflitos agrários e socioambientais, humilhados pelos poderosos do agronegócio e dos grandes projetos econômicos desenvolvimentistas que não respeitam os limites da natureza nem a sua preservação".

**Animador(a) 2:** "Amazonizar também significa portar o mundo de sentido, sensibilidade, contemplação e comprometimento para com a obra da criação. Evoca o cuidado com as identidades culturais e humanas forjadas na relação de respeito e de convivência com toda a criação, na compreensão de que todos somos parte dela".

**Animador(a) 1:** Frente ao imperativo 'Amazoniza-te', somos convidadas e convidados a conhecer ou reconhecer algumas das violações de direitos a que nossos territórios e seus povos da terra, das águas, das florestas e das cidades sofrem.

**Leitor(a) 1: Queimadas e desmatamento** – "Todos os anos assistimos atônitos às notícias sobre desmatamentos e queimadas no país. Em particular, o ano de 2020 ficou marcado na história ambiental do Brasil pela aceleração da perda da vegetação nativa, tanto de florestas quanto de cerrados e campos, principalmente para a expansão de cultivos de monoculturas e de pastagens plantadas. A Amazônia registrou 103.161 focos de queimadas e taxa de desmatamento de 11.088 km<sup>2</sup> em 2020, que foi 70% maior que a média da década anterior, de 6.500 km<sup>2</sup> por ano. Além disso, retrocessos na proteção ambiental promovidos, entre outros fatores, o afrouxamento da legislação e o corte de recursos em várias esferas do governo, foram motivo de grande preocupação e denúncias. Isso é mais preocupante quando consideramos que na Amazônia 2% das propriedades rurais são responsáveis, sozinhas, por mais de 60% do desmatamento ilegal praticado"<sup>1</sup>.

**Leitor(a) 2:** "Tudo que a gente tinha foi queimado. Foi aquele alvoroço, as pessoas tentando salvar o que tinham, e os pistoleiros atirando também. Dois dias depois, eles voltaram e queimaram o restante. Fizeram muita tortura na casa de um idoso, que um dia depois infartou, uma mulher teve um derrame por conta de todo o terror. Mas como não temos como ir para outro

1. <https://saladanoticia.com.br/noticia/6578/os-incendios-criminosos-na-amazonia-devem-ser-contidos>

lugar, voltamos e resistimos. Estamos construindo tudo de novo, devagarinho, pois ficamos até sem alimentos”. O forte relato é do camponês Melk Gomes da Silva, da Comunidade Jaqueira, situada a 13 quilômetros do município de Timbiras, no Maranhão. Esse ato criminoso, no qual o fogo é utilizado como uma arma de expulsão contra os povos e comunidades do campo, está presente em inúmeras situações conflituosas registradas pela Pastoral da Terra ao longo das quase cinco décadas de trabalho junto a essas populações”.

**Leitor(a) 3:** “Com records de desmatamento por três meses consecutivos na Amazônia em 2021, os especialistas preveem que as queimadas podem ser catastróficas até outubro. Na contramão das medidas necessárias para evitar mais tragédias com incêndios, o desmonte das políticas ambientais continua. Esse desmonte envolve a diminuição dos orçamentos dos órgãos ambientais, a banalização do impacto dos incêndios, o desestímulo à organização de brigadas locais, entre outras ações. Isso se contrapõe à constatação do aumento dos efeitos negativos ao meio ambiente, aos impactos promovidos à economia e à saúde humana”.

**Leitor(a) 1:** Os desmatamentos impactam diretamente nas mudanças climáticas que afetam o mundo inteiro. O aumento do calor, as secas prolongadas, as enchentes e outros fenômenos climáticos são alterados por causa da derrubada da floresta, que é responsável pela manutenção dos níveis de carbono, pelas correntes de ar que fazem circular as chuvas e, acima de tudo, pela formação dos ‘rios voadores’ que fazem chover em outras regiões do Brasil e da América Latina. Sem a floresta os fenômenos da natureza ficam totalmente desequilibrados. Ao matar a floresta se gera fome, miséria, deslocamentos compulsórios, toda sorte de sofrimento e morte.

**Leitor(a) 2: Garimpo e mineração em terras indígenas –** “A ação da ditadura trouxe consequências brutais: segundo estimativas do Ministério da Saúde, compiladas por Estevão Senra em sua pesquisa, entre 1987 e 1990, 14% da população Yanomami em Roraima morreu por conta de doenças associadas à invasão garimpeira. ‘Da mesma forma, a destruição do leito dos rios e a sua contaminação por mercúrio, óleo diesel e outros resíduos causaram danos significativos aos ecossistemas locais, impossibilitando os Yanomami de usufruir de numerosos recursos imprescindíveis para o seu sistema produtivo’, acrescenta o geógrafo”<sup>2</sup>.

**Leitor(a) 3:** “Agora, um relatório publicado pela Hutukara, Associação do Povo Yanomami, em março deste ano, apontou que o rio Uraricoera concentra mais da metade (52%) de toda a área degradada pelo garimpo, identificada por sensoriamento remoto na terra indígena. A devastação da mineração ilegal, que já havia crescido 30% em 2020, segue avançando: já são mais de 2.430 hectares destruídos na reserva pelas mãos de garimpeiros. As crateras produzidas na floresta pela atividade ilegal fizeram os pesquisadores do Instituto Socioambiental compararem o cenário à imagem de Serra Pelada, maior garimpo a céu aberto do mundo. As lideranças indígenas estimam que há hoje mais de 20.000 garimpeiros ilegais trabalhando em seu território – é quase o tamanho da população Yanomami inteira dentro da TI”.

**Leitor(a) 1:** No último ano, a CPT registrou 37 conflitos por terra envolvendo 15.691 famílias indígenas da etnia Munduruku, no sudoeste do Pará. Em meio a esses conflitos pode-se destacar pessoas ameaçadas de morte, como Maria Leuza Cosme Kaba Munduruku, Anderson Painhum

---

2. <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-06-22/mineracao-e-garimpo-disputam-area-maior-do-que-a-belgica-dentro-da-terra-indigena-yanomami.html>



Alves e a líder Alessandra Korap Munduruku, agraciada em 2020 com um dos mais importantes prêmios para defensores dos direitos humanos em todo mundo, o “Robert F. Kennedy”.

**Leitor(a) 2: Violência no campo** – “Os dados gerais de conflitos no campo mostram que o número de ocorrências passou de 1.903 em 2019, para 2.054 em 2020, um aumento de 8%. Esse é o maior número de ocorrências de conflitos no campo já registrado pela CPT, desde 1985. O número de pessoas envolvidas nesses conflitos passou de 898.635 em 2019, para 914.144 em 2020, um aumento de quase 2%”<sup>3</sup>.

**Leitor(a) 3:** “A CPT também documentou e sistematizou 1.576 ocorrências de conflitos por terra em 2020, o maior número desde 1985, quando o relatório começou a ser publicado, 25% superior a 2019 e 57,6% a 2018. Esses conflitos envolveram 171.625 famílias. Os dados são ainda mais assustadores quando analisados apenas os números referentes aos povos indígenas no Brasil nesse tipo de conflito: 656 ocorrências (41,6% do total), com 96.931 famílias (56,5%)”.

**Leitor(a) 1:** “2020 foi o ano de terror com um aumento de 8% de conflitos do campo e das águas em relação a 2019, uma média 6,62 conflitos por dia. Os dois primeiros anos do governo Bolsonaro registraram os maiores aumentos de conflitos no campo. Os povos indígenas (42%) foram o grupo que mais sofreu ações de conflitos por terra, seguido por quilombolas, com 17%, e posseiros, com 15%”.

**Leitor(a) 2:** Criminalização e ameaças de lideranças - “Nós não nascemos pra morrer, nós nascemos pra viver e lutar”, partilhou Geneci, diretamente do Quilombo Flores, em Porto Alegre-RS, durante o Encontro da Articulação dos Povos e Comunidades Tradicionais, que ocorreu nos dias 4 e 5 de maio de 2021, em plataforma digital. No atual governo, que vem promovendo um desmonte de políticas sociais, redução do orçamento de órgãos ambientais e intensa militarização das instituições públicas, os processos de criminalização, ameaça e perseguição a lideranças de movimentos sociais têm sido recorrentes.<sup>4</sup>

**Leitor(a) 3:** Osvailinda Maria Alves Pereira é uma reconhecida defensora dos direitos humanos do estado do Pará, na Amazônia brasileira. É presidente da Associação das Mulheres do Projeto de Assentamento Areia e liderança local do Projeto de Assentamento Areia, no município de Trairão, oeste do Pará. Devido ao seu trabalho de direitos humanos, ela e seu marido, Daniel Alves Pereira, têm recebido constantes ameaças de morte de garimpeiros e criadores de gado ilegais desde 2012. “Ninguém atira pedras em uma laranjeira que não frutifique. Se estiver cheio de frutas, algumas pessoas vão atirar pedras nela para derrubar as laranjas. Sei que sou esta laranjeira e é por isso que vão continuar a atacar-me”, disse Osvailinda Maria Alves Pereira em entrevista<sup>5</sup>.

3. <https://www.cnbb.org.br/relatorio-da-cpt-aponta-2020-como-o-ano-com-mais-conflitos-no-campo-no-brasil-desde-o-inicio-do-levantamento/>

4. <https://cimi.org.br/2021/05/manifesto-publico-articulacao-povos-comunidades-tradicionais-pastorais-campo-denuncia-criminalizacao-liderancas-movimentos-sociais/>

5. <https://www.frontlinedefenders.org/en/profile/osvalinda-maria-alves-pereira>



**Leitor(a) 2: Indígenas na cidade** – “A questão dos indígenas em contextos urbanos extremamente invisível e apagada perante a sociedade, inclusive no movimento indígena tradicional. Porém, indígena é indígena em qualquer lugar, inclusive nas cidades. Hoje, a maioria dos centros urbanos acima de 50 mil habitantes têm indígenas, e essa é uma realidade que se perpetua desde o começo de nossa história. Afinal, não foi a aldeia que chegou na cidade, mas a cidade que chegou na aldeia. Porém, a ideia de que um indígena o deixa de ser por morar na cidade, e assim ‘civiliza-se’, é extremamente preconceituosa. Pensar o indígena em contexto urbano exige atuar contra estereótipos. Ao se afirmar que o indígena não é mais indígena ao viver na cidade é negar-lhe direitos fundamentais: o de ir e vir e o direito de ser o que originalmente se é. A cidade também deve ser um local de afirmação dos direitos indígenas!”<sup>6</sup>.

**Leitor(a) 3:** “A migração para as cidades pode ser voluntária ou forçada, e em muitas situações envolve violação dos direitos humanos, como nos casos em que é motivada pela expulsão de suas terras de origem, pela insegurança econômica, ausência ou precariedade de serviços básicos, ou ainda conflitos armados. Grande parte da população indígena em meios urbanos vive nas periferias, e sofre todo tipo de desafios de quem vive as severas desigualdades sócio-territoriais: quase não têm acesso a bens e serviços (quando tem é precário) e a políticas sociais, e tem pouco poder aquisitivo”.

**Leitor(a) 1:** “Nossa relação é de pertencimento ao território, muito diferente da relação daquilo que se definiu como um bem, uma propriedade particular. É uma relação Espiritual, Sagrada e Cultural, uma relação coletiva e ancestral. Esse talvez seja o ponto mais difícil para superar e compreender quando falamos de indígenas e cidades no Brasil. Para muitas pessoas e para as políticas de governo é impossível conceber a ideia de que nas cidades vivem indígenas, sem que sua identidade seja questionada. ‘Estão vestidos, usam celulares, falam o português, não são mais indígenas de verdade’. Um desafio que precisa ser superado, o qual demonstra total desconhecimento do processo colonizador a que fomos submetidos. Nossa identidade ultrapassa os limites das fronteiras e das reservas, está no sangue. Somos uma nação bilíngue, de vários povos e culturas. Somos a raiz que deu origem às cidades” (Marcivana Sateré Mawé – COPIME)<sup>7</sup>.

## 4- Fé na Vida

**Animador(a) 1:** Uma palavra de vida é luz que ilumina o nosso caminhar e nos aponta horizontes para vivermos de forma plena e compromissada com a nossa casa comum.

**Animador(a) 2:** É também água que nos lava, nos abençoa e nos sacia. Façamos, hoje, das palavras de nosso pastor, o papa Francisco, palavras de vida para todos nós.

**Refrão:** Desça como a chuva a tua Palavra,  
Que se espalhe como orvalho,  
Como o chuveiro na relva,  
Como o aguaceiro na grama. Amém!

6. <https://www.archdaily.com.br/br/937793/indigenas-no-espaco-urbano-nao-foi-a-aldeia-que-chegou-na-cidade-mas-a-cidade-que-chegou-na-aldeia>

7. <https://www.agora-to.com.br/opiniao/item/169768-povos-indigenas-e-o-direito-ao-territorio>



**Leitor(a) 1:** Sonho com uma Amazônia que lute pelos direitos dos mais pobres, dos povos nativos, dos últimos, de modo que a sua voz seja ouvida e sua dignidade promovida.

**Leitor(a) 2:** Sonho com uma Amazônia que preserve a riqueza cultural que a caracteriza e na qual brilha de maneira tão variada a beleza humana.

**Leitor(a) 1:** Sonho com uma Amazônia que guarde zelosamente a sedutora beleza natural que a adorna, a vida transbordante que enche os seus rios e as suas florestas.

**Leitor(a) 2:** Sonho com comunidades cristãs capazes de se dedicar e encarnar de tal modo na Amazônia, que deem à Igreja rostos novos com traços amazônicos.

**Leitor(a) 1:** Exortação Apostólica Pós-Sinodal - Querida Amazônia, número 7. *Papa Francisco.*

*(Silêncio para deixar os textos e a palavra do Papa cáírem no coração.)*

## 5- Outros saberes

**Animador(a) 1:** Nesta roda de conversa trazemos algumas reflexões que nos possibilitam tomar consciência da Amazônia, seus povos, seus valores, sua cultura, mas também das violações de direitos que vêm sendo sofridas.

**Animador(a) 2:** Tocamos em algumas dimensões que hoje nos têm deixado em alerta, mas, sobretudo, trazemos um forte apelo: Amazoniza-te!

**Animador(a) 1:** Após ouvir os relatos das violações de direitos, dos ataques ao território e aos povos da terra, das águas, das florestas e das cidades, como nos sentimos?  
*(Deixar o grupo partilhar.)*

**Animador(a) 2:** Ouvimos também os sonhos do papa Francisco, fruto de toda a caminhada do Sínodo para a Amazônia. Que atitudes precisamos ter para que os sonhos de Francisco se tornem realidade?

**Animador(a) 1:** O que podemos fazer para transformar o verbo “amazonizar” em ação?

## 6- Preces comunitárias

**Animador(a) 2:** Elevemos ao Deus da vida nossas preces, nossos pedidos, e juntos rezemos:  
**Amazoniza-nos!**  
**(Preces espontâneas)**

## 7- Gesto concreto

**Animador(a) 1:** Que tal reunirmos todas essas nossas reflexões em um gesto concreto?

*(Motivar o grupo a escolher um gesto a ser feito coletivamente no território ou nas redes sociais de forma a promover o imperativo: "Amazoniza-te".)*

## 8- Oração final e despedida

**Animador(a) 2:** É hora de colocarmos toda essa bagagem em nossa canoa e navegarmos pelas águas desse nosso imenso Brasil. É hora de contribuirmos para que todas e todos tenham consciência da importância da Amazônia e de seus povos. É hora de Amazonizarmos o mundo!

**Animador(a) 1:** Peçamos ao Mestre Moreno, que caminha conosco e nos sustenta, que nos ensine sempre a sermos solidários uns com os outros, umas com as outras, e nos guie nessa grande missão!

*(Rezar com o grupo a oração do Pai-Nosso.)*

**Animador(a) 2:** Maria de Nazaré, rainha da Amazônia, seja nossa companheira. Sigamos pelo mundo, pela vida, fazendo ecoar o nosso grito:

**Todos:** "Amazoniza-te"!

**Refrão:** Ê, Amazoniza-te, Amazoniza-te, Amazoniza! (bis)

